

## EDUCAÇÃO SEXUAL (\*)

HAMILTON NOGUEIRA

Catedrático de Biologia da Faculdade Nacional de Filosofia. Catedrático de Higiene da Escola de Medicina e Cirurgia. Livre docente da Faculdade Nacional de Medicina.

Sobre a necessidade de uma educação sexual não pode haver atualmente nenhuma voz discordante.

E essa educação faz-se cada vez mais necessária em face da posição privilegiada que se procura conferir aos problemas da sexualidade.

Entre as duas correntes opostas: a que abandona a sexualidade ao fluxo mesmo da vida, e a que se preocupa em lhe conferir um lugar impar entre tantos outros problemas que interessam ao homem e à sociedade, impõe-se estabelecer um equilíbrio, impõe-se uma orientação segura, ponderada, que procure situar o problema do sexo na hierarquia dos problemas que mais de perto dizem respeito à formação da personalidade.

“Os problemas do sexo são, muitas vezes, postos em termos exclusivamente biológicos e materialistas; e acredita-se terem sido eles resolvidos depois que algumas regras ou algumas hipóteses foram formuladas sobre a dinâmica misteriosa dos instintos. E’ esquecer que existe, no homem, outras forças que as forças instintivas, e que, por mais importante que seja o corpo na pessoa humana, ele não a condiciona nem a determina na sua totalidade.

“Acontece também que, com as melhores intenções do mundo desconfie-se dessa ordem de preocupações: uma hipocrisia muito espalhada, parece atingir com um “tabú” invencível o que se relaciona com esses problemas. E’ desconhecer que, numa concepção justa da pessoa, tudo o que é do homem deve encontrar o seu lugar e que, si é inadmissível proclamar a onipotência do instinto, ignorar o instinto não é menos perigoso”.

Estes conceitos preciosos do prefácio de um livro recente da coleção “Présences” vão nos indicar o roteiro a seguir na exposição do assunto que nos interessa neste momento.

E como ponto de partida de um estudo da sexualidade é indispensável afastar todo o aspecto malicioso. E’ preciso que ela seja

(\*) Tese apresentada à Primeira Conferência Nacional de Defesa Contra a Sífilis.

encarada com a mesma seriedade que merecem os outros objetos de estudos.

Aliás, outra não foi a maneira de considera-la adotada pelos moralistas mais exigentes. E comprovando essa afirmação, seja-me permitido citar uma pagina na qual o P<sup>e</sup>. Monchanin reúne algumas citações de moralistas e de doutores da Igreja.

“No segundo século é Clemente de Alexandria que escreve no seu Pedagogo (liv. II, c. X, op. c. VI): “Não devemos ter vergonha de falar sobre aquilo que Deus não teve vergonha de crear”.

“No terceiro século é Tertuliano quem declara: “a natureza deve ser objeto não de vergonha, mas de respeito”. Ele professava uma teoria da ação saturante do corpo sobre a alma, muito próxima das nossas preocupações atuais.

“No quarto século o monge Rufino escreve, no seu comentário sobre o Símbolo dos Apóstolos, c. XII: “não é a natureza mas, a imperfeição humana que põe a obscenidade nestas partes”. (Trata-se dos órgãos sexuais da mulher).

“Santo Atanásio escreve o mesmo a um monge escrupuloso: “certamente, nada, em nós, pode ser impuro”.

“No quinto século, Santo Agostinho, no seu grande tratado sobre a cidade de Deus escreve: “não é necessário que acusemos a natureza da carne pelos nossos pecados e pelos nossos vícios, fazendo nisso injuria ao Creador porque, na sua própria espécie, e segundo o seu próprio grao, a carne é boa”.

Poderíamos citar ainda dezenas de opiniões do mesmo valor para mostrar a seriedade com que devemos encarar os diversos aspectos de que se reveste o problema do sexo.

Sobre a introdução que acabamos de fazer não há nenhuma discordância entre os estudiosos do assunto. As divergências começam a surgir quando se procura o verdadeiro objetivo da educação sexual.

E é evidente que a *orientação a ser dada à educação sexual dependerá do fim a que ela se propõe*.

Daí as confusões tantas vezes perigosas, os erros cometidos por pessoas bem intencionadas.

O erro mais frequente é confundir *higiene sexual* com *educação sexual*, aquela sendo apenas uma sùmula de conhecimento de anatomia, fisiologia e patologia dos órgãos sexuais e dos meios capazes de evitar as doenças venéreas e certas aberrações sexuais.

E' evidente que a educação sexual não pode limitar-se a esse terreno, o seu fim é muito elevado, é a preparação da creança e do adolescente para o matrimônio monogâmico, estavel, indissolúvel, única instituição material que permite ao sexo atingir toda a sua grandeza.

Outro grave erro dos que seguem a orientação errada que já assinalámos é, não digo o desconhecimento, mas o esquecimento de que a creança possui uma psicologia própria, uma mentalidade

que reage de modo diferente nas diversas etapas do seu desenvolvimento. E sendo assim é inadmissível o emprego de certos métodos, como por exemplo, a psicanálise (pelo menos como é empregada geralmente) no tratamento dos desvios da sexualidade.

A pedagogia psicanalítica é orientada pela concepção freudiana da *libido*, concepção essencialmente, substancialmente materialista.

Do desdobraimento dessa libido, tendência impulsiva que se confunde com o instinto sexual no seu sentido mais lato, é que, pouco a pouco, irão surgindo os caracteres determinantes da personalidade humana.

Esses caracteres formam-se na infância, e a sua natureza boa ou má, depende segundo Freud, do processo educativo empregado.

Dentro do seu ponto de vista, numerosas perturbações de ordem psicológica poderiam ser evitadas, se, ao envez de reprimirmos as más tendências, trabalhássemos para a sublimação dessas tendências, para a sua transformação natural numa energia útil.

“Nossas mais altas virtudes, diz ele, surgiram como formação e sublimação das nossas piores predisposições”.

Mas a análise dessas predisposições indesejáveis só pode ser realizada pela exploração do inconsciente infantil, pelo revolvimento de toda a sua vida sexual, pelo estudo detalhado dos complexos afetivos, pela resurgescência de uma infinidade de desejos impuros, recalçados pelos processos normais de educação.

Ha, incontestavelmente, um grande número de verdade nas observações de Freud sobre a vida infantil. Complexos afetivos, emoções recalçadas, receptividade exagerada das impressões exteriores, são fatos incontestavelmente verdadeiros, cujo desconhecimento por parte dos pais e dos educadores concorre, não poucas vezes, para marcar uma alma, prejudicando a expansão completa da personalidade humana.

Do meio dessas verdades ressaltam, entretanto, numerosos erros de ordem moral e pedagógica, que não podem absolutamente, ser aceitos nem implantados no terreno da atividade educativa.

A criança, como já acentuaram De La Vaissière, Stern, Foerster e tantos outros educadores, não é um adulto em miniatura. Ela possui psicologia própria, adequada ao desenvolvimento da sua mentalidade. Sendo assim, não poderá haver processo mais anti-pedagógico, mais indesejável, do que o método psicanalítico, tal como é compreendido e aplicado por um grande número de pedagogos modernos.

Se entre os próprios psicanalistas, mesmo entre os mais extremados (Ernest Jones, por exemplo), são assinaladas diferenças essenciais entre a psicologia do adulto e a da criança, como será possível abordar certos assuntos, empregar certos processos de análise psicológica capazes de provocar as mais sérias perturbações psicoafetivas.

Em matéria de educação sexual é um grave erro, é um grande perigo agitar questões que não estão ao alcance da mentalidade infantil. Certo, ha necessidade de uma orientação criteriosa nesse sentido, mas essa orientação será realizada, como acentua Foerster, não diretamente, não separadamente do conjunto da educação global da criança e do adolescente, mas participando do desenvolvimento gradativo da vontade.

E' por essa razão que todos nós, medicos ou moralistas, educadores ou sociólogos, devemos atender a este apelo de Stern:

“Peço aos pedagogos, aos psicólogos, aos médicos, a quantos se preocupam com o bem da mocidade, para fazer frente ao novo perigo que ameaça os nossos filhos... A psicanálise de Freud, especialmente na sua aplicação à infância — não é somente um erro científico, é um pecado pedagógico”.

\* \* \*

Deixando de lado esses desvios da verdadeira educação sexual procuremos enfrentar o problema face a face, procuremos, fundamentados na realidade da evolução psicológica do ser humano, traçar uma tentativa de método educativo.

A primeira dificuldade que se apresenta é a manifestação particular da sexualidade em cada indivíduo, daí o perigo das generalizações sistemáticas.

De um modo geral, mas não esquecendo nunca os casos particulares que requerem uma atenção especial, devemos considerar 3 aspectos da educação sexual: a educação sexual na infância, a educação sexual na adolescência e a educação sexual na idade adulta, ou educação dos educadores.

No primeiro caso a educação se reveste de cuidados especiais e as perguntas que fazemos a nós mesmos são as seguintes: Quando deve começar a educação? Quem deve fazê-la? Como deve ser feita? A iniciativa deve partir do educador ou da criança?

A experiência universal e a nossa propria experiência nos ensinam que devemos respeitar esse mundo de fantasia em que a criança vive, mundo que a protege contra a dureza da vida, e que, mais tarde será um oasis nos seus momentos de fuga aos sofrimentos inevitáveis a que todos estamos sujeitos. E sendo assim, a educação deverá, via de regra, começar quando a curiosidade infantil se volta para o mistério do nascimento. E aí, o educador, que poderá ser o pai, ou a mãe, ou o professor, não deverá mentir. Deverá dizer a verdade do modo mais simples, sem malícia, fazendo, porém, sentir à criança, que esse assunto deverá, mais tarde, ser novamente conversado. E' preciso, nessa época, conservar a confiança e a amizade da criança.

Quanto à instrução propriamente sexual, deverá ser evitada nesse período, e nessas condições é contra-indicada uma educação sexual coletiva na escola primária.

Como afirma Foerster, um dos maiores pedagogos modernos, a educação sexual, nessa fase da vida, deve ser sobretudo indireta, deve participar da educação da vontade.

“Toda nossa vida, diz Morselli, é um contraste entre inibição e impulsão, e tudo o que é verdadeiramente nobre e grande é de origem inibitória”.

E' claro que, nas famílias christãs, a religião será a base de toda essa formação moral.

Se passarmos da infância para a adolescência, fase da vida em que o instinto sexual começa a despertar, a educação, começada na infância, adquire novos aspectos. A vida moral e religiosa continuará ainda a ser a grande força formadora do carater, mas alguns conhecimentos novos de biologia já se fazem necessários.

Não há todavia, necessidade de noções detalhadas de sexologia. Estas, em demasia, longe de concorrer para o equilíbrio, o controle da sexualidade, vão crear a obsessão sexual, vão despertar a curiosidade para toda uma literatura pornográfica pseudo-científica.

Nesse periodo a tarefa do educador é facilitada pelos estudos de reprodução dos vegetais e dos seres vivos em geral.

Muito mais do que o conhecimento de biologia a ser administrado aos adolescentes importa mostrar-lhes o sentido profundo da sexualidade, importa mostrar-lhes que a finalidade do ato sexual na especie humana não é a satisfação de um desejo mas a realização de uma atividade creadora compativel com a sua natureza de ser reacional, atividade que só pode ser exercida dignamente dentro do casamento monogâmico e exclusivamente com a mulher companheira da sua vida. Essa noção de fidelidade é da mais alta importância, não somente sob o aspêto moral, como também sob o aspecto profilático da terrivel enfermidade considerada nessa semana de estudo.

Quantas e quantas contaminações não se sucedem pelo desrespeito às normas de fidelidade conjugal!

Apontando aos adolescentes a grandeza do matrimônio e os deveres a cumprir, o educador procurará despertar nos adolescentes as energias dominadoras da vontade.

Stuart Mill exprime esse aspêto pedagógico da formação da vontade nestas palavras persuasivas: “Daquele que nunca se privou de alguma coisa lícita, não podemos garantir que venha a privar-se de tudo quanto é proibido. Não duvidamos que se volte um dia a exortar a mocidade à ascese, e que se lhe ensine de novo como na antiguidade a vencer os seus desejos, a afrontar os perigos e a suportar sofrimentos voluntários. E tudo isso com simples exercício educativo”.

Não é, pois, pela instrução pura — tendência ainda seguida nos dominios da pedagogia naturalista, nem pela psicanálise — que procura transformar, sublimar tantos e tantos impulsos sexuais recalçados em energia utilisavel, que se poderá conseguir, sem perigo

para a vida moral do adolescente, uma verdadeira disciplina sexual, isto é, a ordenação do instinto genésico à sua finalidade biológica.

É claro que nessa ordenação do instinto genésico à sua finalidade biológica, deve o educador acentuar o dever moral da continência, ato de justiça em relação à futura consorte, e o seu valor, sob todos os aspectos, na formação integral da própria personalidade.

Sob o preconceito dos malefícios determinados pela continência, preconceitos anacrônicos e incompatíveis com os atuais conhecimentos, ouviremos certamente a palavra segura do Prof. Moreira da Fonseca.

Cumpre-me apenas acentuar, como já o fizeram Gougerot e Rosenau, que a continência sexual é o fundamento da profilaxia anti-venérea e que os preconceitos sobre os seus malefícios devem ser combatidos.

Quem deverá fazer a educação do adolescente ?

Onde deverá ser feita ?

Nesse período o pai excepcionalmente poderá orientar suficientemente o filho. O educador poderá ser um professor, um médico, ou um sacerdote.

A educação deverá ser coletiva ou individual? De preferência individual. A educação coletiva na escola é um "pis-aller".

Certo, nas classes mais adiantadas, em turmas selecionadas e sem mistura de sexo, poderá um professor criterioso considerar certos aspectos da educação sexual e encarar o mesmo problema das doenças venéreas, e em particular do terrível flagelo que consideramos nestas sessões de estudo.

Quanto à educação dos educadores, essa é mais simples, pois é de crer que sejam pessoas já de formação moral completa, e que desejam, apenas, aperfeiçoar os conhecimentos sobre os assuntos de sexualidade e adquirir uma técnica de ensino e de educação sexual.

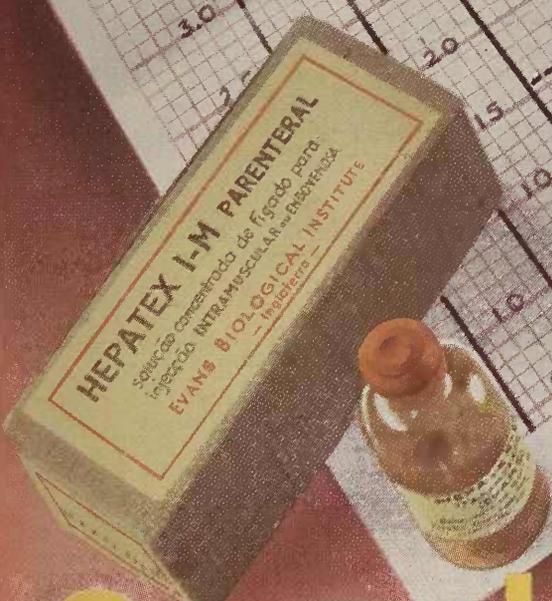
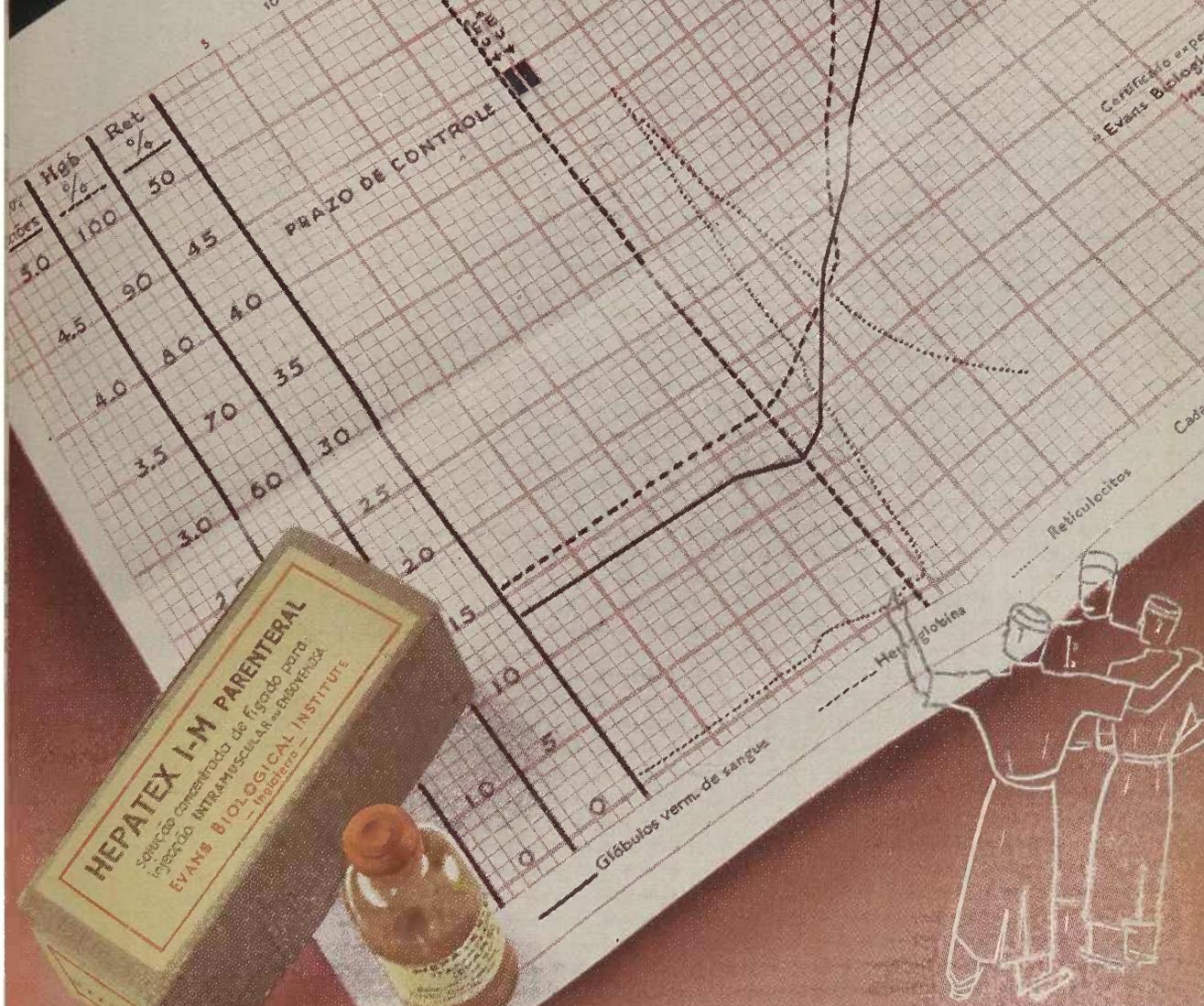
É evidente que, para esse terceiro grupo, se possa fazer um aprofundamento maior nas questões de sexologia e um ensino coletivo.

## CONCLUSÃO

*Uma educação sexual completa, que procure orientar a criança e o adolescente para o matrimônio monogâmico e indissolúvel, e que consiga impor aos jovens uma continência sexual perfeita, representa, sem dúvida alguma, um dos mais valiosos meios na defesa contra a Sífilis.*

# Contrôle Systematico

Relação de Caso de Anemia tratada com  
**HEPATEX I-M** (ferrovenoso ou intramuscular)  
**comprova resultados positivos!**



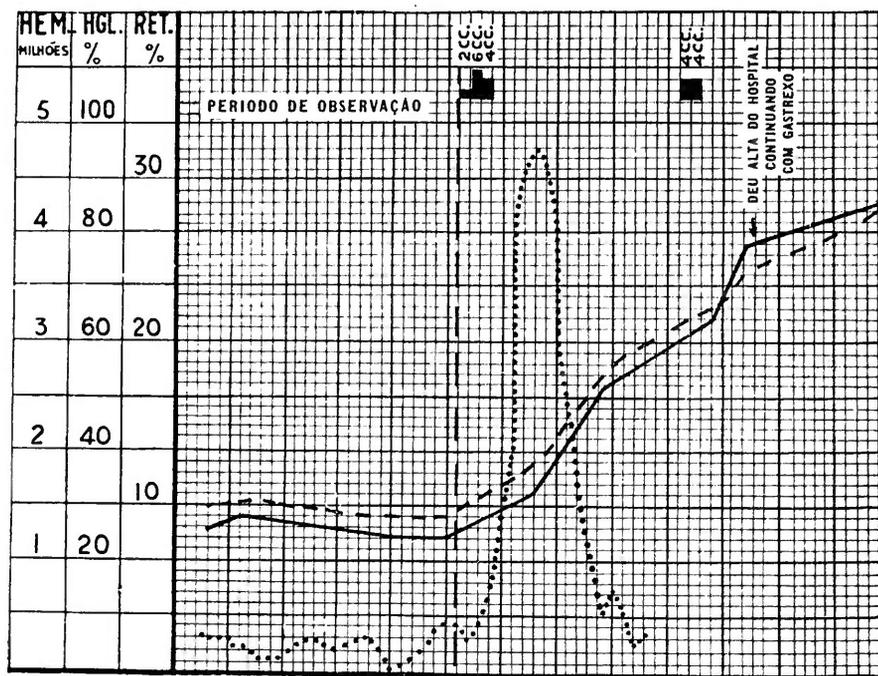
## Hepatex I-M

## Dose de consolidação

Quando o tratamento preliminar tiver restabelecido no sangue o numero medio normal de cellulas, injeccões de Hepatex I-M de 15 em 15 dias, ou uma vez por mez, manterão o quadro normal do sangue e o estado geral de saude do paciente.

(\*) Como as pesquisas feitas no Laboratorio, quanto á efficacia clinica de extractos de figado, não offerecem provas de confiança, o unico methodo satisfactorio de controle representa a prova feita em doentes de anemia perniciososa. Foi esta a prova sempre adoptada para pôr em evidencia o valor dos extractos de figado Hepatex, e, para offerecer ao facultativo uma segurança absoluta, cada caixinha contem, em forma de hemogramma, o test em questão, feito no lote respectivo. Essas provas clinicas são feitas nos Hospitales, por medicos estranhos ao Laboratorio.

Hemogramma typico, tal como acompanha cada caixinha de Hepatex I-M.



Elaborado no  
EVANS BIOLOGICAL INSTITUTE  
Inglaterra

Distribuidores  
PRODUCTOS EVANS S. A.

RIO DE JANEIRO  
Rua Leandro Martins, 76  
Telephone 43-4824

SÃO PAULO  
Rua Silveira Martins, 39-A  
Telephone 2-8010